

3ª PARTE

Poesia

Grande é o mar

Grande é o mar
que destrói muralhas de pedra,
arranca os olhos dos peixes
e as barbatanas das baleias.

Grandes as ondas
que se erguem nas alturas,
à maneira de arranha-céus de espuma.
Grandes as pérolas que dardejам
nas entranhas das conchas
e relampejam nas águas dançarinas.

Grande é o mar
que apaga as estrelas mais distantes
e acende a fogueira dos corais.
Grande o esqueleto dos navios
onde tubarões passeiam
à escuta de gemidos afogados.

Grande é o mar
que não se curva à dinastia dos ventos
nem aos imponderáveis do abismo.

Pulso da matéria

Jovem suspira na cama
à espera de que lhe façam
carícias de porcelana.

À escuta nos lagos,
cobras se movem para
uma ceia de sapos.

Pela janela aberta
foge a borboleta
e pousa numa estrela.

Dizem que as borboletas
se vestem de lagartas
dentro das gavetas.

No mármore da lousa,
entre rosas e espinhos,
uma coruja pousa.

Na hora mais bonita
ou no instante mais feio
a morte nos visita.

Numa existência breve,
o sábio se enamora
do pulso da matéria.

Tríduo

1

Todo sólido
se desmancha no ar
porque todo sólido não
é assim tão sólido
como supõe
a nossa vã filosofia.

2

Se todas as coisas
fossem sólidas
se todos os homens
fossem solidários
não haveria tanta guerra
entre os camelos
e os dromedários.

3

Os olhos dos gatos
são feitos de
gotas de mercúrio.
Quando adoecem, os gatos
não usam colírio
pingam nos olhos
gotas de hidrargírio.

Ladainha

Choviam pedras no caminho
choviam relâmpagos.
Meu pai a cavalo.

Choviam sapos nos córregos
choviam pedras molhadas.
Meu pai a cavalo.

Choviam pedras de cantaria
nos poemas de João Cabral.
Meu pai a cavalo.

Choviam pêssegos de pedra
das copas das árvores.
Meu pai a cavalo.

Choviam ovelhas de pedra
no alpendre de nossas casas.
Meu pai a cavalo.

Choviam mortos com dentes de pedra
choviam punhais de prata.
Meu pai a cavalo.

Choviam pedras dos sinos das igrejas
choviam covas abertas.
Meu pai a cavalo.

Canção para uma deusa

Quando te vejo sorrir nas telas do cinema,
meu coração se transforma em noite ensolarada.
Teus olhos apaziguam todos os meus sentidos
e como que afugentam todas as sombras da terra.

Tua presença dissipa todos os meus cuidados
com a sensualidade que se evapora do teu corpo.
Chego a sentir o aroma de relva dos teus vestidos
quando te moves frente ao espelho que te namora.

Tamanho o mistério de tua sedução,
que me alegro de ver-te como estrela longínqua,
embora não possa acariciar-te com as mãos.

Às vezes te procuro, mas não vejo tua imagem
de adolescente nem o frescor do teu sorriso,
que de longe me acena para os devaneios do amor.

Borboletas

Noite e dia se recolhem
à imobilidade, até
chegar o momento
do seu regresso ao mito.
Como se fossem rótulos
coloridos de asas
que perderam a memória
do voo. Borboletas
tristes, em pleno
noviciado de metamorfoses.
Voltam ao paraíso
das lagartas verdes e azuis
com numerosas pernas
para os caminhos da flor.
Quando se desenha
chuva no céu,
borboletas pousam
nas paredes mais altas.
Repentinamente.

Domingos e Girassóis

Hoje é domingo
os girassóis
estão florindo

entre as espumas
dos meus lençóis.
Se fosse sábado,

talvez um sino
dobrasse à morte
de algum menino

que se afogou
neste domingo.
Era uma sombra

trazida à praia
por uma onda
cor de cambraia.

Hoje é domingo.
Os girassóis
estão fulgindo,

madrugada alta,
para os longínquos
subúrbios da alma.